

## SUMÁRIO

HORTICULTURA.....	2
MILHO .....	2
FEIJÃO .....	3
BOVINOS .....	4
SUÍNOS .....	4
MEL .....	5

Prezados leitores,

O boletim conjuntural da semana 29 destaca temas de relevância para a agropecuária paranaense, revelando tanto oportunidades quanto alertas. A colheita da segunda safra de milho avança com 29% da área colhida, superando a média histórica, mas a qualidade das lavouras segue pressionada pelos efeitos das geadas. No feijão, a colheita da segunda safra foi finalizada, resultando em uma produção total recorde no ciclo 24/25, apesar do recuo na área cultivada. Os preços, porém, sofrem forte retração, influenciando as decisões para a próxima safra.

A horticultura responde por 5,1% do Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária do Paraná, com a olericultura liderando o segmento, seguida da fruticultura e da floricultura. A expressiva

participação da batata, tomate e laranja mostra a força regional dessa cadeia, apesar da baixa representatividade no VBP estadual.

Na pecuária, o mercado bovino enfrenta pressão de baixa nos preços da arroba, agravada pelas tarifas anunciadas pelos EUA, o que gera incertezas nas exportações. Os suínos de alto valor genético mantêm o Paraná na liderança nacional nas exportações, com destaque para o mercado do Paraguai. Já o setor apícola comemora crescimento nas exportações de mel, com o Paraná ocupando o terceiro lugar nacional, embora o segmento enfrente desafios climáticos e barreiras comerciais iminentes, especialmente nos EUA.

Diante desse cenário, o boletim evidencia a importância da diversificação produtiva e da capacidade de resposta dos agentes do setor perante as oscilações de mercado e clima, assegurando a resiliência da agropecuária paranaense.

Boa leitura!

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

## HORTICULTURA

*Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

A Divisão de Estatísticas Básicas deste departamento estima em R\$ 188,3 bilhões o Valor Bruto da Produção Agropecuária/VBP paranaense em 2024, concentrada na produção de grãos, cereais e proteínas animais e indica a potência econômica do campo nas receitas estaduais.

A Horticultura, observando-se a Olericultura, a Fruticultura e a Floricultura, ocupa uma fração de 5,1% da renda bruta gerada pelos campos paranaenses, encontrando uma representatividade diluída frente a densidade do agronegócio estadual.

Com 3,5% do montante estadual do VBP, a Olericultura, cujos R\$ 6,2 bilhões gerados por mais de 50 hortaliças, tem na batata (R\$ 1,4 bilhão) o esteio dos negócios com parcela de 20,8%, secundado pelo tomate (R\$ 1,1 bilhão) que abarca 16,7%. Os demais produtos da horta, com R\$ 4,1 bilhões brutos, representam 62,5% do total do setor.

Por sua vez, na Fruticultura, considerando as 37 fruteiras cultivadas e acompanhadas pelo estado, a participação do setor ficou em 2,1% do VBP 2024. Sob a perspectiva do VBP por espécie, a laranja, com R\$ 1,2 bilhão, é a líder com 31,8% do

total, seguido do morango com 17,7% e R\$ 705,3 milhões de valor. A uva (R\$ 323,0 milhões), a banana (R\$ 256,5 milhões) e a tangerina (R\$ 204,4 milhões) participam com 8,1%, 6,4% e 5,1%, respectivamente. Assim estas cinco frutas representam 69,2% do VBP do segmento.

O cultivo de mais de 40 espécies da Floricultura movimentou R\$ 271,7 milhões no período analisado e diminuta parcela de 0,1% no VBP estadual.

Mesmo com participação acanhada na economia rural do estado, a Horticultura se reveste de importância nas regiões e nos municípios onde está inserida, gerando empregos e renda tanto no campo como nas cidades nos mais diversos elos das cadeias de fornecimento e produção.

## MILHO

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

A colheita da segunda safra de milho 2024/25 segue em andamento no Paraná e, nesta semana, já alcança quase um terço da área total estimada, com 29% da área colhida. Esse desempenho está ligeiramente acima da média registrada nas últimas cinco safras, que era de aproximadamente 20% para o mesmo período. No entanto, as condições das lavouras que ainda aguardam colheita

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

voltaram a apresentar piora. Na semana anterior, 68% das áreas estavam classificadas como em boas condições; nesta semana, esse número caiu para 64%. Já as lavouras em condição mediana aumentaram de 18% para 20%, enquanto as em situação considerada ruim passaram de 14% para 15%. Essa deterioração nas condições de campo pode estar relacionada diretamente às geadas ocorridas no final de junho, que afetaram parte das regiões produtoras. A expectativa agora se volta para a avaliação mais precisa dos impactos sobre a produtividade nas próximas semanas.

## FEIJÃO

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Foi encerrada nesta semana a colheita da segunda safra de feijão do Paraná, a mais importante em termos de volume. O plantio desta safra ocorre prioritariamente entre janeiro e fevereiro, e os produtores semearam 328 mil hectares — uma área 25% inferior à semeada no mesmo período em 2024. Consequentemente a produção do período recuou 23%, totalizando 526,6 mil toneladas. Apesar do recuo na segunda safra, a produção da primeira safra, ofertada especialmente em janeiro, já havia disponibilizado 338 mil toneladas ao

mercado, com um aumento expressivo de 102% em relação ao ano anterior. Essas duas safras praticamente definem a oferta estadual, tendo a terceira safra uma relevância mínima.

Sendo assim é possível considerar que o feijão teve um recuo de 10% nas safras do ciclo 24/25, porém apresentou uma produção 2% superior, passando de 849 mil toneladas para 865 mil. Caso confirmado, esse volume estabelece um novo recorde de produção no Paraná, superando a marca recém-estabelecida em 23/24. Esse resultado mantém o estado na liderança nacional da produção de feijão em 2025, com uma participação de aproximadamente um quarto da produção brasileira.

Essa oferta expressiva traz consequências, sendo a mais evidente a queda nas cotações. A saca do feijão preto está atualmente cotada em cerca de R\$ 121,00, um valor 44% inferior ao registrado em julho de 2024 quando a média era de R\$ 228,38. As exportações provenientes do Paraná foram um canal importante para sustentar os preços em meados de 2024, mas se acomodaram nos últimos meses. No segundo trimestre de 2025, as exportações de feijão (seco) totalizaram 17 mil toneladas, volume 33%

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

inferior ao embarcado no mesmo período de 2024 (26 mil toneladas). Com maior disponibilidade interna do produto, a tendência é de redução na área a ser plantada a partir de agosto deste ano, com relação à primeira safra 2025/26.

\*os números se referem à série histórica disponível, desde 1970.

## **BOVINOS**

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Na semana passada, a notícia da imposição de tarifas de 50% sobre produtos brasileiros pelos EUA gerou preocupação em diversos setores, entre eles o da carne bovina. Segundo a Abiec, os próximos embarques da proteína brasileira para o mercado americano estão sob análise. Em julho, as cotações da arroba bovina acumulam queda de 5,29%, sendo negociadas a R\$ 300,60 (Cepea).

A preocupação com o mercado norte-americano é legítima, já que, em 2024, os Estados Unidos foram o segundo maior comprador de carne brasileira, corresponderam a aproximadamente 8% do total exportado. Espera-se que o governo federal busque negociar o adiamento e a redução dessas tarifas, a exemplo do que ocorreu com outros países. No entanto, até o momento, as negociações não avançaram.

## **SUÍNOS**

*Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz*

No primeiro semestre de 2025, o Paraná destacou-se como o principal exportador brasileiro de suínos reprodutores de raça pura (NCM 01031000), conforme dados da plataforma Comex Stat/MDIC. O Estado foi responsável por 48,8% da receita total gerada com essas exportações, o equivalente a US\$ 352 mil. Em seguida, vieram Minas Gerais, com 43,7% (US\$ 315 mil), São Paulo, com 7,4% (US\$ 53 mil), e Pernambuco, com 0,1% (US\$ 531).

No total, o Brasil arrecadou US\$ 720 mil com a exportação dessa categoria de suínos no período – um crescimento de 81,3% (US\$ 323 mil) em comparação com o mesmo semestre de 2024.

O Paraguai foi o principal destino das exportações, representando 82,6% da receita. A Argentina respondeu por 17,3%, enquanto a Libéria participou com 0,1%. O Paraguai adquiriu suínos de Minas Gerais (52,9%), Paraná (38,1%) e São Paulo (8,9%). A Argentina comprou exclusivamente do Paraná, e a Libéria somente de Pernambuco.

Em relação às importações de suínos reprodutores de raça pura, Minas Gerais liderou os investimentos, com 65% do total

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

(US\$ 625 mil), seguido por São Paulo (18% ou US\$ 173 mil) e Paraná (17% ou US\$ 164 mil). Minas Gerais importou exclusivamente da Dinamarca, enquanto São Paulo comprou dos Estados Unidos, Canadá e Dinamarca. O Paraná, por sua vez, optou por fornecedores da Noruega e do Canadá.

Comparado ao mesmo período do ano anterior, houve uma redução de 59,5% (US\$ 1,4 milhão) nas importações brasileiras desses animais.

Os dados reforçam a importância do Paraná no setor de genética suína. Isso porque evidenciam o protagonismo do Estado, tanto nas exportações de suínos de alto valor genético, quanto na atualização constante das características genéticas do plantel nacional, por meio da aquisição de animais com desempenho aprimorado.

## MEL

*Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

A partir de 1º de agosto, os Estados Unidos determinaram aplicar uma tarifa de 50% sobre todos os produtos brasileiros, uma medida que promete abalar significativamente a economia de diversos setores no Brasil. Os EUA são o segundo principal destino das exportações brasileiras, atrás apenas da China, com

mais de US\$ 22 bilhões exportados no primeiro semestre de 2024.

Essa nova tarifa tornará os produtos brasileiros consideravelmente mais caros, impactando a competitividade e, em muitos casos, inviabilizando sua comercialização no mercado americano. Setores como petróleo, ferro, aço, café, carne bovina, suco de laranja, mel, celulose e madeira seriam severamente prejudicados. Essa situação pode levar a demissões e redução da produção em empresas que dependem desse mercado vital.

O setor do mel é um dos mais vulneráveis a essa mudança, já que os EUA são o principal destino do mel brasileiro, absorvendo 84,1% do volume total exportado. No primeiro semestre de 2025, foram 16.170 toneladas de mel brasileiro exportadas para os EUA, totalizando US\$ 52,211 milhões.

Uma notícia do G1, divulgada em 13 de julho, destacou o impacto imediato do anúncio feito pelo atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Uma das maiores processadoras e exportadoras de mel orgânico do mundo, o Grupo Sama, do Piauí, foi afetada com o cancelamento imediato de 585 toneladas do produto. A empresa, fundada há 28 anos em Oeiras e responsável pela compra da produção de

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

mais de 12 mil micro e pequenos produtores de mel do Nordeste (principalmente do Piauí, Ceará, Maranhão e Bahia), informou que a nova tarifa aumentaria o custo da carga em cerca de US\$ 6 milhões, elevando significativamente o valor final do produto vendido nos EUA. Parte das 585 toneladas de mel canceladas já estava nos portos de Pecém e Mucuripe, no Ceará, aguardando embarque. Outra parte estava em processo de beneficiamento, e o restante ainda estava sendo enviado pelos fornecedores. Com o cancelamento, o produto fica acumulado e gera custos de armazenamento, já que precisa ser guardado em câmaras refrigeradas, com temperatura controlada.

Outro caso semelhante já aconteceu, no entanto, houve um alívio temporário para outros produtores de mel do Nordeste. A Central de Cooperativas Apícolas do Semiárido Brasileiro (Casa Apis) informou em 14 de julho que o embarque de contêineres com 95 toneladas de mel orgânico produzido no Piauí foi liberado em 13 de julho. Essa liberação ocorreu após um apelo feito pelos produtores aos clientes nos Estados Unidos. A carga estava inicialmente programada para ser embarcada em 11 de julho, mas os compradores solicitaram a suspensão, temendo que o produto

chegasse aos EUA já sob a vigência da tarifa de 50% sobre produtos brasileiros, prevista para entrar em vigor em 1º de agosto.

Essas situações demonstram a volatilidade e os desafios que as exportações brasileiras enfrentarão a partir de agosto, caso esse indesejável “tarifaço” prevaleça, exigindo atenção e estratégias para mitigar esses impactos.

Além da barreira tarifária, a Casa Apis e os produtores de mel do Piauí estão lidando com outro sério problema: a estiagem prolongada. A seca no semiárido já comprometeu a próxima safra, com uma projeção de queda de até 40% na produção de mel em 2025. Essa combinação de instabilidade comercial e climática coloca a sustentabilidade da cadeia apícola em alto risco.

Segundo Agrostat Brasil, no primeiro semestre de 2025 as empresas nacionais exportaram 19.219 toneladas de mel in natura, volume 8,7% maior do que aquele obtido em igual período de 2024 (17.683 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 62,221 milhões, 38,2% maior que em igual período de 2024 (US\$ 45,030 milhões). Já o preço médio nacional do mel atingiu o valor de US\$ 3.237,47/tonelada (US\$ 3,24/Kg), 27,1% maior que o valor

**Boletim Conjuntural Semana 29/2025 – 17 de julho de 2025**

médio de igual período de 2024 (US\$ 2.546,52/tonelada).

O estado do Paraná, no acumulado do primeiro semestre do ano corrente, ocupou a terceira posição no ranking da exportação de mel natural (receita cambial: US\$ 12,360 milhões, volume: 3.814 toneladas e preço médio: US\$ 3,24/kg — um valor 31,3% maior em relação ao ano anterior). No ano anterior, em igual período, foram exportadas 1.690 toneladas, faturando-se US\$ 4,172 milhões, a um preço médio de US\$ 2,47/kg.

Em primeiro lugar desponta o estado de Minas Gerais (US\$ 15,261 milhões, 4.621 toneladas e preço médio: US\$ 3,30/kg), sendo que no ano anterior exportou: 2.918 toneladas, faturou US\$ 7,795 milhões e teve preço médio de US\$ 2,67/kg. Na segunda colocação, vem o Piauí (US\$ 12,085 milhões, 3.796 toneladas e preço médio: US\$ 3,18/kg). No ano anterior exportou: 5.922 toneladas, faturou US\$ 14,494 milhões e teve preço médio de US\$ 2,45/kg. Em quarto lugar, vem o estado de Santa Catarina (US\$ 5,941 milhões, 1.896 toneladas e preço médio: US\$ 3,13/kg). No ano anterior exportou: 2.522 toneladas, faturou US\$ 6,318 milhões e teve preço médio de US\$ 2,51/kg. Na quinta colocação, vem o estado de São

Paulo (US\$ 4,916 milhões, 1.516 toneladas e preço médio: US\$ 3,24/kg). No ano anterior exportou: 963 toneladas, faturou US\$ 2,708 milhões e teve preço médio de US\$ 2,51/kg.

O principal destino para o mel brasileiro exportado nos seis meses de 2025 (84,1% de todo volume exportado: 19.219 toneladas), continuou sendo os Estados Unidos da América (EUA): volume de 16.170 toneladas, receita cambial de US\$ 52,211 milhões e preço médio de US\$ 3,23/kg (um valor 28,1% maior em relação ao ano anterior). No ano anterior, importou 14.181 toneladas, gastou US\$ 35,734 milhões e pagou um preço médio de US\$ 2,52/kg.

Além dos EUA, outros principais países importadores do mel brasileiro incluem o Canadá, com US\$ 4,588 milhões em receita e 1.412 toneladas exportadas; o Reino Unido, com US\$ 1,616 milhão em receita e 512 toneladas exportadas; Países Baixos, com US\$ 833.632 em receita e 260 toneladas exportadas; Austrália, com US\$ 217.111 em receita e 81 toneladas exportadas; Bélgica, com US\$ 201.585 em receita e 60 toneladas exportadas; e, Israel, com US\$ 154.498 em receita e 60 toneladas exportadas.